

Sob o signo de Euterpe

ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA

© EUTERPE, SALVADOR DALÍ, 1971

FANNY HENSEL-MENDELSSOHN
HENRIËTTE BOSMANS
AUGUSTA HOLMÈS
LILI BOULANGER
VÍTĚZSLAVA KAPRÁLOVÁ
FLORENCE B. PRICE

24 ABR · 19H

Teatro Aberto,
Lisboa

opart
ORGANISMO
DE PRODUÇÃO
ARTÍSTICA, EPE

TNSC
Teatro Nacional de São Carlos

Sob o signo de Euterpe

Fanny Hensel-Mendelssohn (1805-1847)

Abertura em Dó Maior

Henriëtte Bosmans (1895-1952)

Poème (para violoncelo e orquestra)

Augusta Holmès (1847-1903)

La nuit et l'amour (Interlude de L'ode symphonique Ludus pro patria)

Lili Boulanger (1893-1918)

D'un matin de printemps

Vítězslava Kaprálová (1915-1940)

Sinfonietta militar

Florence B. Price (1887-1953)

Juba dance (III andamento da Sinfonia n.º 4 em Ré menor)

Duração: c. 55 min.

Violoncelo Isabel Vaz

Direção musical Rita Castro Blanco

Orquestra Sinfónica Portuguesa

(A partitura de *La nuit et l'amour* de Augusta Holmès foi publicada e disponibilizada por ComposHer & the Palazzetto Bru Zane - Centre de musique romantique française)



Travessias

A propósito de cada eixo programático, reservamos espaço para uma Travessia que se inicia na música e desagua noutras áreas do conhecimento. Nesta conversa prévia ao

espetáculo, lançamos pistas para uma melhor compreensão do concerto e convidamos à reflexão sobre o nosso tempo.

Durante muitos anos, pouco mais conhecíamos do que a música da irmã de Mendelssohn e das esposas de Schumann e Mahler. Com o alargar do interesse por outros repertórios com os estudos musicológicos e as novas edições musicais, descobrimos que muito mais havia e muito mais variado. Se hoje existe um problema, é apenas o excesso de material a dar a conhecer. E que longa lista de nomes que merecem ser falados e ouvidos! Propomo-nos dar a conhecer e divulgar obras de compositoras de todas as épocas, de todos os estilos.

Com este repertório, aconteceu o que aconteceu a muitos outros, depois da Segunda Guerra Mundial: em **concerto** ouvia-se apenas **por um lado** àquela parte do passado que era incontestável no seu valor e nos fazia sentir seguros e, por outro, a que pertencia a cânones estéticos autoproclamados como os únicos dignos de futuro.

Estamos agora a tentar recuperar o tempo perdido para termos uma visão mais ampla da produção musical em todos os quadrantes. E a música de compositoras não foge a essa tendência e a essa necessidade.

Paula Gomes Ribeiro, Musicóloga
Anália Cardoso Torres, Socióloga

Andrea Lupi, Moderadora

Invisibilidade e resistência: compositoras no palco do mundo

Embora as mulheres se tenham dedicado à composição musical ao longo dos séculos, como demonstram inúmeros estudos musicológicos, o reconhecimento e a circulação das suas obras permaneceram limitados por barreiras sociais e institucionais. As obras apresentadas neste programa, compostas entre 1823 e 1945, refletem as transformações trazidas pela Revolução Industrial

e pela ascensão de uma burguesia instruída e influente. São testemunhos de um património rico e diversificado, revelando a criatividade de compositoras que, durante demasiado tempo, permaneceram à margem das narrativas históricas e das salas de concerto.

I Vozes que persistem

No século XIX, apesar da crescente circulação de música no domínio público, o acesso à publicação de partituras e à apresentação em salas de concerto era restrito. A viabilidade comercial e a frequência das execuções eram fatores decisivos para a consagração de obras e compositores, favorecendo compositores homens, com formação musical académica avançada e inseridos em redes de sociabilidade que lhes garantissem acesso a mecenas, editoras e oportunidades de execução musical. Esperava-se destes músicos a adesão aos códigos de conduta vigentes nos círculos musicais, reforçando assim a homogeneidade sociocultural do meio musical e a exclusão de agentes que não se inscrevessem nestes parâmetros. A limitação do acesso das mulheres ao meio profissional relacionava-se, pois, com mecanismos institucionais que limitaram as suas oportunidades

de profissionalização e reconhecimento. O acesso restrito a educação musical avançada, a escassez de redes de apoio e a dificuldade em publicar e divulgar as suas obras condicionavam a sua inserção no meio musical. Além disso, a própria hierarquização dos géneros musicais relegava as formas associadas às mulheres – como peças para piano, alguma música camerística e canções de salão – para um plano secundário, em contraste com as grandes formas sinfónicas e operáticas, tradicionalmente consideradas de maior prestígio. Estas limitações eram reforçadas por conceções essencialistas que associavam a criatividade musical à racionalidade masculina, perpetuando a marginalização das compositoras dos circuitos institucionais e da construção do cânone. Veja-se o caso de Florence Price que, já em pleno século XX, enfrentaria rejeições explícitas da parte de editoras

que se recusaram a publicar a sua música devido a preconceitos raciais e de género. Numa carta a Serge Koussevitzky, a compositora afirma: «Para começar, tenho duas desvantagens – a do sexo e a da raça. Sou mulher e tenho algum sangue negro nas minhas veias.» Com efeito, muitas das suas obras permaneceram inéditas até 2009, quando foram descobertas acidentalmente numa casa abandonada. As compositoras não foram vítimas passivas neste

processo de marginalização. Muitas procuraram ativamente formas de contornar e desafiar as limitações impostas à sua carreira, demonstrando resiliência e estratégias criativas. Uma abordagem histórica equilibrada deve, assim, reconhecer tanto os obstáculos estruturais, quanto os meios que estas mulheres encontraram para afirmar o seu espaço na prática compositorial.

II Ecos de uma história em construção

A trajetória de Fanny Hensel ilustra bem a dualidade entre exclusão estrutural e resistência individual. Apesar de ter recebido uma formação rigorosa e demonstrado um notável talento, foi desencorajada de seguir uma carreira profissional como compositora. No entanto, em vez de aceitar estas limitações, Fanny manteve a sua atividade musical, tendo, nomeadamente, organizado ciclos de concertos em salões privados de Berlim, criando uma rede alternativa de interpretação de obras suas e de outros compositores. Foi neste contexto que a *Abertura em Dó Maior* teve a sua estreia, em 1834, interpretada pela orquestra do Königstadt Theater, num momento singular em que a própria compositora teve a oportunidade de a dirigir. Trata-se da sua única obra orquestral, que se destaca pela sofisticação orquestral e a fluidez formal, com momentos de elevada tensão dramática e progressões harmónicas ousadas, destacando-se o uso expressivo das madeiras e a presença de quatro trompas. Apesar da distância temporal e geográfica que a separa de Fanny Hensel, Florence Price também enfrentou, como já foi referido, uma exclusão sistemática dos principais circuitos musicais dos Estados Unidos. Tornou-se, no entanto, a primeira mulher afro-americana a ter uma sinfonia executada por uma prestigiada orquestra americana, com a estreia da sua *Sinfonia n.º 1* em 1933, pela Orquestra Sinfónica de Chicago. Price integrou deliberadamente elementos da tradição musical afro-americana em formas orquestrais, desafiando o *statu quo*.

«Juba Dance», terceiro andamento da sua *Sinfonia n.º 4*, demonstra essa fusão ao incorporar ritmos sincopados e influências da música tradicional afro-americana, inspirando-se na dança que dá título ao andamento – um estilo rítmico enraizado na cultura afrodescendente dos Estados Unidos. Entre as compositoras que desafiaram os condicionamentos institucionais, destaca-se Augusta Holmès, cujas obras sinfónicas ambiciosas e o virtuosismo na gestão da sua carreira contrariaram as expectativas de género da sua época. Reconhecida pelo seu estilo grandioso, Holmès foi uma das raras compositoras que escreveu para grandes formações orquestrais e a abordar temáticas patrióticas e mitológicas. *La nuit et l'amour*, interlúdio da sua *Ode symphonique Ludus pro patria*, encomenda da Exposition Universelle de 1889, exemplifica a grandiosidade que marcou a sua produção. Apesar da resistência que encontrou ao longo da sua carreira, Holmès tornou-se uma celebridade nos círculos parisienses. Até 1903, o Conservatório de Paris impedia as mulheres de competir pelo prestigiado Prix de Rome. Uma década depois, em 1913, Lili Boulanger tornou-se a primeira mulher a vencer o prémio, aos 19 anos, num feito notável de reconhecimento precoce. *D'un matin de printemps* (1917), uma das suas últimas obras, revela a sua sintonia com o modernismo francês, especialmente com as texturas harmónicas de Debussy e Fauré. De carácter leve e trepidante, a peça evidencia a sofisticação da sua abordagem tímbrica e a sua capacidade de criar atmosferas

sonoras vibrantes. Também em atividade na primeira metade do século XX, compositoras como Henriëtte Bosmans e Vítězslava Kaprálová beneficiaram igualmente de apoio familiar no desenvolvimento das suas competências musicais. Henriëtte dividiu a sua atividade entre a *performance* pianística e a criação musical. *Poème* para violoncelo e orquestra foi composto em 1938 e estreado pouco tempo depois. A obra reflete a sua profunda ligação ao violoncelo, instrumento do pai, e distingue-se pelo seu lirismo e pela riqueza harmónica. Com uma escrita que conjuga influências modernistas com um lirismo tardo-romântico, o *Poème* demonstra a vivacidade da sua linguagem musical. Vítězslava Kaprálová destacou-se não só pela sua prolífica produção musical, mas também pela sua atuação como maestro, circunstância invulgar para uma mulher da sua época. A sua *Sinfonietta Militar* Op. 11 foi dedicada ao presidente Edvard Beneš e assume um forte simbolismo patriótico no contexto de uma tensão política crescente na Checoslováquia. Segundo a própria compositora, o título *Militar* não era um apelo à guerra, mas sim à preservação da independência nacional perante a expansão nazi. A obra estreou-se em 1937, em Praga, com a compositora na direção da Orquestra Filarmónica Checa. Elogiada pela sua escrita orquestral vigorosa

e inovadora, a *Sinfonietta Militar* consolidou a sua reputação, apresentando uma síntese sofisticada entre modernidade e tradição. Apesar dos avanços na investigação musicológica e na inclusão de compositoras em concertos e estudos académicos, a integração das mulheres na história da música erudita continua a ser um processo em construção. Um estudo realizado no âmbito do projeto *Elles – Women Composers* analisou 3400 programas de ópera e teatros, e 104 festivais franceses durante a temporada de 2022-2023, totalizando 15.000 obras. Os resultados mostraram que apenas 6,4% das peças programadas foram compostas por mulheres. A análise dos programas revelou que, apesar de um aumento gradual na inclusão de obras compostas por mulheres nos últimos anos, a representação feminina nas programações musicais continua a ser substancialmente baixa. Estes números demonstram que, mesmo após décadas de reavaliação crítica e esforços para diversificar a programação musical, persistem desafios na reconfiguração do cânone. Assim, reconhecer a contribuição das compositoras não é apenas de uma recuperação histórica, é também um passo fundamental para repensar os critérios pelos quais se pretende pautar a música erudita ocidental no século XXI.

Paula Gomes Ribeiro
Musicóloga





© DR

Isabel Vaz

Violoncelo

Nascida em Lisboa, iniciou os estudos musicais na FMAC, tendo também passado pela ESML e continuado a sua formação nos Países Baixos, onde concluiu a licenciatura e o mestrado no Conservatório de Amsterdão, sob orientação de Dmitry Ferschtman. Estudou também na HAMU, em Praga, e na Manhattan School of Music, em Nova Iorque. Participou em diversas *masterclasses* com violoncelistas de renome e recebeu diversos prémios, incluindo o 1.º lugar no Prémio Jovens Músicos, Música de Câmara (2009), Concurso Internacional Guido Papini (2013), Prémio Jeunesse Musicale Deutschland no Prémio Borciani e o Prémio de Interpretação do Estoril (2016). Entre 2013 e 2015, integrou o Quartetto Indaco, apresentando-se em diversas salas e festivais europeus, tendo frequentado o mestrado em quartetos de cordas na Hochschule de Hannover. Desde 2015, é violoncelista *tutti* na Noord Nederlands Orkest e mantém uma carreira ativa em música de câmara, colaborando regularmente com o pianista Vasco Dantas. Juntos, fazem parte da direção artística do Algarve Music Series e gravaram um CD com música de Freitas Branco, que foi nomeado para Melhor Álbum Clássico nos Prémios Play 2021. Apresentou-se a solo com diversas orquestras e agrupamentos — a Orquestra Kremlin, em Moscovo, Zagreb Soloists, OCCO e Orquestra Metropolitana de Lisboa, entre outros.



© DR

Rita Castro Blanco

Direção musical

Rita Castro Blanco é uma promissora maestrina portuguesa, tendo-se estreado já com a Staatstheater Darmstadt, Real Filarmonia de Galícia, Orquestra Gulbenkian e Orquestra Metropolitana de Lisboa, entre outras. De setembro de 2019 a janeiro de 2022, foi maestrina titular da Huddersfield Philharmonic Orchestra e é, atualmente, maestrina assistente da City of Birmingham Symphony Orchestra. Rita Castro Blanco tem vindo a desenvolver a sua experiência e o seu interesse em variados campos musicais, incluindo a música contemporânea e ópera, tendo sido «Conducting Fellow» do Verbier Festival (2024), Tanglewood Festival (2022), Lucerne Festival e do programa «Mentorship for Woman Conductors» do Festival d'Aix-en-Provence (ambos em 2021). Iniciou os estudos em direção na Academia Nacional Superior de Orquestra, tendo posteriormente ingressado no Royal Northern College of Music. Os seus mais recentes compromissos incluem concertos com a Orquestra Sinfónica do Porto, FIO e Deutsche Philharmonie Merck.



© BRUNO SIMÃO

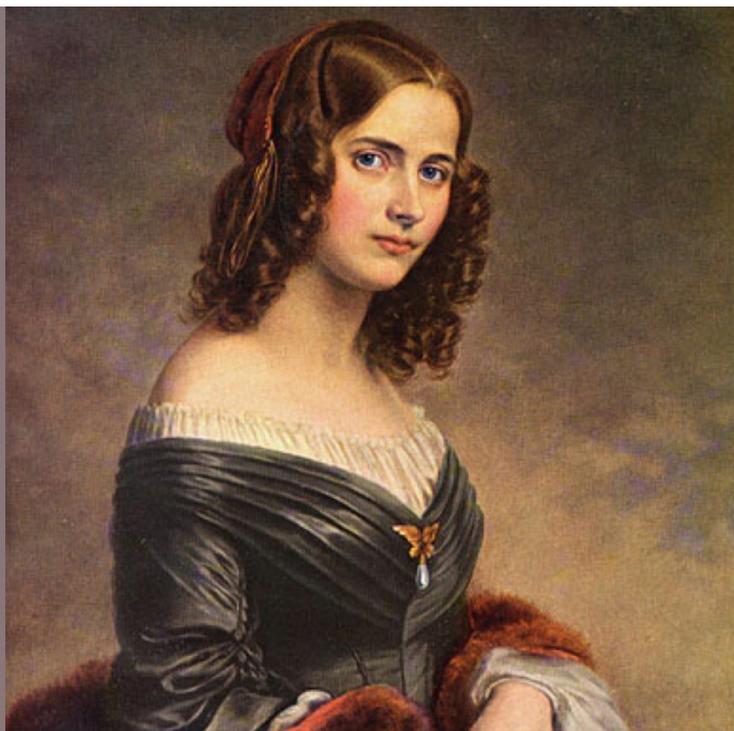
Orquestra Sinfónica Portuguesa

Criada em 1993, a Orquestra Sinfónica Portuguesa (OSP) é um dos corpos artísticos do Teatro Nacional de São Carlos e tem vindo a desenvolver uma atividade sinfónica própria, incluindo uma programação regular de concertos e participações em festivais de música nacionais e internacionais. Colabora regularmente com a Rádio e Televisão de Portugal através da transmissão dos seus concertos e óperas pela Antena 2, designadamente a realização da tetralogia *O anel do Nibelungo*, transmitida na RTP2, e a participação em iniciativas da própria RTP, como o Prémio Pedro de Freitas Branco para Jovens Chefes de Orquestra, o Prémio Jovens Músicos-RDP e a Tribuna Internacional de Jovens Intérpretes. No âmbito das temporadas líricas e sinfónicas, a OSP tem-se apresentado sob a direção de notáveis maestros, como Rafael Frühbeck de Burgos, Alain Lombard, Nello Santi, Alberto Zedda, Harry Christophers, George Pehlivanian, Michel Plasson, Krzysztof Penderecki, Djansug Kakhidze, Milán Horvat, Jeffrey Tate e Iuri Ahronovitch, entre outros. A discografia da OSP conta com dois CD para a etiqueta Marco Polo, com as *Sinfonias n.ºs 1, 3, 5 e 6* de Joly Braga Santos, que gravou sob a direção do seu primeiro maestro titular, Álvaro Cassuto, e *Crossing borders* (obras de Wagner, Gershwin e Mendelssohn), sob a direção de Julia Jones, numa gravação ao vivo pela Antena 2. Em maio de 2022, foi lançado o CD editado pela Naxos com obras de Fernando Lopes-Graça, sob a direção de Bruno Borralinho. No cargo de maestro titular, seguiram-se José Ramón Encinar (1999-2001), Zoltán Peskó (2001-2004) e Julia Jones (2008-2011); Donato Renzetti desempenhou funções de primeiro maestro convidado entre 2005 e 2007. Joana Carneiro foi maestrina titular de 2014 a 2021. Atualmente, a direção musical está a cargo de Antonio Pirolli, seu maestro titular. A Orquestra Sinfónica Portuguesa completou 30 anos de atividade em 2023.



© BRUNO SIMÃO

Fanny Hensel-Mendelssohn



Henriëtte Bosmans



Augusta Holmès



Lili Boulanger



Vítězslava Kaprálová



Florence B. Price





Com o encerramento ao público do Teatro Nacional de São Carlos para obras de Conservação e Restauro, Requalificação e Modernização no âmbito do PRR — Plano de Recuperação e Resiliência, a Orquestra Sinfónica Portuguesa e o Coro do Teatro Nacional de São Carlos sobem a outros palcos nacionais: uma viagem musical que percorrerá o país ao longo dos próximos meses, com a ambição e o rigor de sempre, e o objetivo de divulgar a música, a ópera e o património musical português.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DO OPART

Conceição Amaral · *Presidente*
Rui Morais · *Vogal*
Sofia Meneses · *Vogal*

COMISSÃO ARTÍSTICA DO TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

Maestro João Paulo Santos · *Coordenação*
Maestro Antonio Pirolli
Maestro Giampaolo Vessella

PARCEIRO DA VIAGEM SOB O SIGNO DE EUTERPE

**TEATRO
ABERTO**

São Carlos em *andamento*



© CARLOS PINTO

BRAGA · VILA REAL · CALDAS DA RAINHA
ALTER DO CHÃO · CASCAIS · QUELUZ · LISBOA
ALMADA · ÉVORA · FARO

DE JANEIRO A ABRIL

 REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

 ANTENA 2

idealista

 HORTO
DO CAMPO GRANDE